



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016

**O SERVIÇO SOCIAL E O ROMPIMENTO COM A LÓGICA DE
DESESCOLARIZAÇÃO NO COMPLEXO DA MARÉ**



**80
ANOS
SERVIÇO
SOCIAL
NO BRASIL**

**Alexandra Gonçalves Dias, Estagiária do Serviço Social, Redes de
Desenvolvimento da Maré, alexandrag.dias@hotmail.com, 98501-2837.**

**Kátia Maria P. Bezerra, estagiária do Serviço Social, Redes de
Desenvolvimento da Maré, katiamarca.pb@gmail.com, 98520-8820.**

**Leonardo Fragoso da Luz, assistente Social, Redes de Desenvolvimento
da Maré, leonardofarc@yahoo.com.br, 98123-1778.**

Natureza do trabalho: Relato de Experiência

Eixo: POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL

TEMA: EDUCAÇÃO

**O SERVIÇO SOCIAL E O ROMPIMENTO COM A LÓGICA DE
DESESCOLARIZAÇÃO NO COMPLEXO DA MARÉ**

RESUMO

O texto apresenta o trabalho realizado com crianças e adolescentes no Complexo da Maré e aponta as possibilidades do exercício profissional no âmbito da educação, a partir do Projeto Nenhum a Menos, articulando diferentes saberes com as experiências de mobilização social e educação buscando romper com a lógica de desescolarização na escolas públicas da região. Para tal, realiza um debate sobre educação e apresenta ações materializadas no trabalho social com as famílias e com os educandos.

**PALAVRAS-CHAVE: educação, Serviço Social, Maré,
desescolarização**

ABSTRACT



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



80 ANOS
SERVIÇO SOCIAL
NO BRASIL

The text presents the work with children and adolescents in Complexo da Maré and points out the possibilities of professional practice in education, from the Project None the less, articulating different knowledge from the experiences of social mobilization and education seeking to break with the logic of unschooling in public schools in the region. It shall carry out a debate on education and has materialized actions in social work with families and with students.

Apresentação

O trabalho em questão trata-se de um relato de experiência do acompanhamento social de crianças e adolescentes que participam do Projeto Nenhum a Menos desenvolvido pela instituição Redes de Desenvolvimento da Maré – no bairro Maré, território popular localizada na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Antes de iniciarmos nossa discussão, apresentaremos um pouco sobre o território que estamos localizados como forma de maior compreensão sobre o trabalho desenvolvidos com essas crianças e adolescentes.

O Complexo da Maré e sua história

A região é formada por 16 comunidades e ganhou o título de bairro em 19 de Janeiro de 1994 pelo Projeto de Lei nº 2119. Fica localizada às margens da Baía de Guanabara, sendo limitada entre três importantes vias de acesso à cidade: Avenida Brasil, Linha Amarela e a Linha Vermelha. De acordo com a sinopse do Censo IBGE-



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



80
ANOS
**SERVIÇO
SOCIAL
NO BRASIL**

2010, tem a maior concentração de população de baixa renda do município do Rio de Janeiro e do Brasil e segundo o Censo Maré 2000, sua população é composta por 132.176 pessoas, abrigada em 38.273 domicílios.

Ainda de acordo com o último Censo-Maré 2000, o Complexo da Maré é formado, sobretudo, por uma população de migrantes com pouca escolaridade e baixa qualificação profissional. No universo de 28 grupos de favelas da cidade, a Maré ocupa a 11ª posição no Índice de Qualidade de Vida Urbana - resultado próximo ao da média das favelas cariocas. Quanto aos itens básicos de infra-estrutura, como luz, água e esgoto, a região conquistou importantes avanços nos últimos 20 anos. Mas o mesmo não ocorreu no campo econômico e cultural.

Sobre a política de educação, desde a década de 80, houve um crescimento significativo do número de escolas públicas na Maré, havendo hoje quatorze escolas da Rede Municipal de Educação distribuídas nas 16 comunidades, além de mais duas que se localizam a margem da Maré; dessas, nove possuem atendimento exclusivo ao primeiro segmento do Ensino Fundamental (1ª ao 5ª anos) e cinco atendendo a todo Ensino Fundamental (1º ao 9º anos). Há ainda três escolas da Rede Estadual de Educação: uma que atende ao segundo segmento do Ensino Fundamental e ao Ensino Médio e outras duas com atendimento noturno apenas ao Ensino Médio, segmento de ensino onde se dá a principal carência na oferta de escolas.

Dessa, forma, a criação de novas unidades de ensino na Maré, ao longo dos anos, demonstra o quanto avançamos no número de escolas e de atendimento, seguindo a tendência nacional principalmente no Ensino Fundamental, mas estamos longe da oferta de uma educação de qualidade na região.

Na última década, investigações voltadas para a relação entre desempenho escolar e localização das escolas, revelam que alunos de escolas dentro de territórios de favela, ou de regiões mais empobrecidas e submetidas à ambientes violentos, possuem maior probabilidade de apresentarem pior desempenho nas avaliações oficiais do que alunos de escolas fora desses espaços (ALVES, 2010; BURGOS & PAIVA, 2009; RIBEIRO & KAZTMAN, 2008).

E atualmente o território do Complexo da Maré passa por uma modificação em sua estrutura educacional a partir da ampliação do número de unidades escolares municipais, aplicação da carga horária na escola e construção, inclusive, de um pólo da Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC).



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



Redes de Desenvolvimento da Maré

A criação da Redes de Desenvolvimento da Maré – REDES – é resultado de um longo processo de envolvimento dos seus fundadores com o movimento comunitário na região e na cidade. As ações, pesquisas e reflexões desenvolvidas ao longo dessa trajetória são marcadas pela atuação em organizações locais e em outros espaços da cidade, nos diferentes campos das políticas sociais, pauta-se pelo interesse comum de trabalhar, de forma integrada e abrangente, com temáticas relativas à cidade do Rio de Janeiro e, mais especificamente, aos seus espaços populares.

A instituição tem como missão promover a construção de uma rede de desenvolvimento territorial através de projetos de educação, cultura, artes, comunicação e outros que articulem diferentes atores sociais comprometidos com a transformação estrutural da Maré e produzam conhecimentos e ações relativas aos espaços populares que interfiram na lógica de organização da cidade e contribuam para superar todas as formas de violência.

Com esta estratégia de atuação a instituição busca desenvolver projetos dentro de temáticas como educação; arte e cultura mobilização social; segurança pública; desenvolvimento local; comunicação; combate à violência em suas diversas manifestações e geração de trabalho e renda.

A partir de uma atuação abrangente que reuni diversas instituições, Associação de Moradores, Escolas Públicas órgãos Públicos empresas estatais e privados, além de indivíduos a Redes trabalhar para construir uma agenda positiva para a Maré. Os projetos que fazem parte desse eixo buscam produzir conhecimentos e geram dados sobre a realidade da Maré.

Dentre os diversos projetos desenvolvidos na área de educação pela instituição, destacamos o Projeto nenhum a Menos que será nosso objeto de discussão no próximo item.

A importância do Projeto Nenhum a Menos

O Projeto Nenhum a Menos (PNM) possui dois segmentos, um destinado a crianças de 9 e 10 anos que estão se preparando para os concursos de escolas publicas de maior qualidade no ensino, como Colégio Pedro II, Colégio Militar e Colégio de Aplicação da Uerj e o segundo segmento, que será nosso foco de apresentação, destinado às famílias que possuem crianças e adolescentes, na faixa etária de 07 aos 14 anos, que estão fora da escola, apresentam dificuldades no aprendizado ou são



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



muito infrequentes no espaço escolar. O projeto desenvolve aulas de complementação pedagógica, música a arte, durante quatro dias por semana, além dos acompanhamentos sociais com os educandos e suas respectivas famílias e das reuniões periódicas com os responsáveis, essas duas últimas ações são determinadas como atribuições do assistente social e das estagiárias, a equipe conta ainda com uma coordenadora e um monitor.

Essas questões ao considerar as especificidades de cada criança e adolescente podemos relacioná-las ao conceito de “**DESESCOLARIZAÇÃO**” como um termo que envolve as diversas exclusões de direitos em que esses indivíduos estão submetidos e que resultam no fato deles estarem fora do espaço escolar.

Para Soares, a “desescolarização” ou subescolarização é resultado do fracasso das gestões escolares e menciona a diferença que está colocada entre as escolas que atendem às classes elitistas e com as unidades escolares destinadas às classes subalternas, que são marcadas pelo alto número de estudantes em sala de aula, educadores com pouca qualificação e materiais deficientes que resultam na baixa influência da escola na vida dos estudantes (SOARES, 1981).

Nesse sentido, a Redes de Desenvolvimento da Maré publicou um livro sobre o próprio Projeto Nenhum a Menos, em 2008. Ao refletir sobre a “desescolarização” na Maré menciona os seus fatores determinantes que estão pautados na condição sócio-econômica desfavorável das famílias e no sucateamento das políticas públicas. Sobre o primeiro item, menciona a condição sócio-econômica desfavorável das famílias, histórico de pobreza extrema que afeta as necessidades de sobrevivência de diversas famílias da Maré. Ressalta-se que algumas dessas famílias são marcadas pela pouca ou nenhuma escolaridade, desconhecimento sobre seus direitos, falta de compreensão sobre o papel da escola ou a falta de incentivo por parte da família para a permanência da criança na escola, vale dizer que em alguns casos pelo fato de que familiares adultos terem que se desvincular das escolas quando criança, por necessidade de trabalhar, essa situação acabou ocasionando no efeito de “desescolarização” do filho. (REDES DE DESENVOLVIMENTO DA MARÉ, 2008).

Portanto, esse processo não se limita ao contexto sócio-familiar para culpabilizar as famílias a justificativa da evasão escolar das crianças e adolescentes, uma vez que se torna importante debater sobre o processo de sucateamento das políticas públicas, principalmente a educação, que é nosso objeto de reflexão.



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



Nesse sentido, a Redes da Maré destaca como segundo item a má gestão na área da educação, tanto na esfera macro, que diz respeito aos governos, prefeituras, secretarias de educação e a implementação de políticas públicas, quanto na esfera micro com a deficiência na qualidade do funcionamento das escolas e o pouco investimento na formação e remuneração dos educadores.

Esse processo de precarização nas unidades escolares é caracterizado pela falta de identificação do educador com a realidade das crianças e adolescentes; pouca compreensão, por parte das escolas, das necessidades desses sujeitos sociais; gestão ineficiente; escolas que não despertam o interesse dos educandos; limitações do acesso às escolas entre outras. (REDES DE DESENVOLVIMENTO DA MARÉ, 2008).

Após uma reflexão mais ampla sobre a relação das escolas da Maré com as crianças e adolescentes atendidos pelo PNM e a própria relação entre eles com as famílias torna-se importante abordar o perfil destas crianças e adolescentes. Esse levantamento sobre o perfil foi realizado com as crianças inscritas no ano de 2015, onde o grupo é composto por 80% de meninas e 20% de Meninos, grande maioria é de negros, 3% encontravam-se fora da escola no momento em que ingressaram no projeto, a maior parte tem dificuldade no aprendizado. Alguns responsáveis alegam que motivo para que seus filhos abandonassem a escola é a guerra do tráfico e o desinteresse pela escola. A questão dos conflitos armados torna-se relevante por dois aspectos; primeiro está relacionado diretamente à evasão escolar dos educandos, assim como os dois itens apresentados anteriormente e segundo, pelo fato do projeto ser realizado em um espaço que fica localizado na divisão entre duas comunidades que são “comandadas” por grupos armados rivais, comunidades estas que frequentemente são marcadas por confronto entre polícia e os respectivos grupos armados ou entre conflitos entre os próprios grupos rivais.

Dando continuidade ao perfil dos atendidos pelo projeto, o mesmo conta com 40 crianças matriculadas, divididas em duas turmas no contra turno escolar, com faixa etária entre 07 a 14 anos, a maior parte das famílias que participam do projeto moram de aluguel, composição familiar de 4 a 6 membros e com renda família de um salário Mínimo. Diante da realidade, o projeto nenhum a menos surge com intuito de ser experiência que venha garantir uma política pública adequada para intervir nas crianças que estão fora da escola ou que possuem relações enfraquecidas com essas instituições públicas. A percepção de que dentro da pobreza há situações extremas que



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



precisam ser revertidas é uma constatação do projeto Nenhum a Menos, que escolheu esta realidade para intervir.

O objetivo do PNM busca romper com a lógica do processo de desescolarização, refletindo com as crianças e adolescentes e suas famílias estratégias de combater esse processo, as causas das exclusões, proporcionar o acesso das famílias a programas de efetivação de direitos sociais e cidadania e principalmente, promover o acesso e a permanência na rede ensino daqueles que estão ausentes dessas instituições ou que mesmo que estejam inseridos apresentam características que podem influenciá-los a abandonar a escola. Dessa maneira, o resultado esperado pela equipe é uma melhora no rendimento escolar, maior assiduidade e que estas crianças e adolescentes criem postura crítica e ativa em relação a escola e aos estudos.

A experiência profissional do Assistente Social

A iniciativa da inclusão de assistentes sociais na instituição é oriunda da inserção profissional na perspectiva de ações voltadas ao fortalecimento do aprendizado de crianças e adolescentes, incentivando a formação de consciência crítica e mobilização comunitária destes e de seus pais e/ou responsáveis.

Assim, a centralidade da proposta de trabalho da equipe representa o investimento no processo de participação e decisão em torno das políticas públicas e a inclusão desses atores sociais em uma forma de participação em relação às questões e problemas que afetam o cotidiano coletivo na Maré. Neste sentido, para melhor compreendermos as demandas e possibilidades interventivas da equipe social, organizamos o processo de trabalho da equipe através de linhas de ação. São elas:

- Acompanhamento social dos educandos e de suas famílias: se desdobra no acompanhamento social e nas atividades educativas desenvolvidas com os as crianças e adolescentes;
- Mobilização Comunitária: se materializa no desenvolvimento dos encontros periódicos com os responsáveis, conhecido como: Grupos de Pais.

Acompanhamento Social e Atividades educativas

O Acompanhamento social se constitui como uma competência profissional do Assistente Social. Sua materialização ocorre através de visitas domiciliares, entrevistas sociais, atendimentos individuais e/ ou com a família, encaminhamentos para a rede



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



sócio-assistencial, mapeamento dos serviços sociais e a observação no cotidiano dos educandos no projeto.

O trabalho da equipe social está baseado nos acompanhamentos sociais e nas ações educativas desenvolvidas que objetivam analisar e diagnosticar as causas dos problemas sociais apresentados por eles, visando atuar preventivamente, de forma a saná-los e/ou atenuá-los.

As expressões da “questão social” vivenciadas por estes indivíduos e suas famílias podem ser exemplificadas como: conflito familiar, agressividade, gravidez na adolescência, uso de substâncias psicoativas por algum membro do núcleo familiar, abandono escolar, desemprego, violência doméstica dentre outras. Destaca-se que tais questões muitas vezes são formas de expressão que os educandos e sua família enfrentam no cotidiano e que de alguma maneira afeta diretamente no aprendizado dos educandos.

Nesse sentido, o acompanhamento social busca uma melhor compreensão das questões apresentadas e que são apontadas pela equipe de professores, podendo viabilizar o acesso a direitos sociais e atuar com as famílias o entendimento de que elas são peças fundamentais no enfrentamento a desescolarização, buscando fortalecer as autonomias desses sujeitos sociais e o acompanhamento dos familiares sobre o desenvolvimento escolar dessas crianças e adolescentes e dessa maneira, romper com o paradigma de culpabilização das famílias sobre o ‘suposto’ fracasso escolar de crianças e adolescentes, uma vez que as próprias escolas não se sentem responsáveis por esse fracasso dos seus educandos.

A intervenção do Assistente Social não se resume nos atendimentos sociais, também atua junto com os estudantes estimulando-os e sensibilizando-os sobre temas que perpassam sua vida como a violência na região, a importância da escola, propondo atividades que contribuam na ampliação do seu universo cultural e político, possibilitando a criação de espaços de reflexão que venha estimular a sua análise crítica da realidade social vivenciada mesmo que sejam crianças e adolescentes.

Os Grupos de Pais

A realização dos Grupos de Pais surge como um canal de interlocução, mediante a necessidade de realizar um trabalho mais intensivo de mobilização com os pais e responsáveis. Foi percebido que o envolvimento deles no desenvolvimento pessoal dos filhos seria um elemento importante numa etapa da vida em que estes se encontram em



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



formação. Além disto, era preciso socializar o quanto as atividades oferecidas contribuíam para o desenvolvimento sócio-pedagógico, para o desenvolvimento da criatividade e das potencialidades dos filhos e da permanência de deles nas escolas.

A grande motivação para esse trabalho é percepção de que para atingir e compreender o universo cultural e educacional de crianças e adolescentes de forma integral era necessário trabalhar com as famílias de que eles estão inseridos nesse processo e de buscar incentivar os filhos sobre a importância das escolas, além de participarem das decisões escolares dos filhos. Dessa maneira, por meio dos encontros periódicos do Grupo de Pais busca-se refletir com os responsáveis temas que perpassam a vida dos filhos e conseqüentemente as próprias vidas como: violência, relacionamento social, processo de educação e a importância da leitura, violência, racismo, preconceito, conflito familiar, participação coletiva etc.

Nessa proposição, a família é pensada como parte constitutiva do processo pedagógico e elemento fundamental para garantir o melhor desenvolvimento do educando. A participação dos pais e responsáveis se dá a partir da motivação de intervir mais na vida do filho de forma dialógica e democrática.

Nesse sentido, a participação destes responsáveis nos Grupos de Pais, possibilita que os mesmos possam identificar e participar do cotidiano das crianças, tornando-os atores e construtores de novas possibilidades e cidadãos conscientes de seus direitos.

O processo formativo e constitutivo do Grupo vem sendo construído partindo-se prioritariamente dos seus elementos significativos e da realidade das comunidades em que vivem. Pois, como afirma Freire (1979), "*assim, como não há homem sem mundo, nem mundo sem homem, não pode haver reflexão e ação fora da relação homem-realidade*".

Desse modo, o trabalho é pensado a partir da necessidade de se perceber os participantes em sua totalidade, com o objetivo de proporcionar o desenvolvimento de potencialidades e valores que levem à formação de sujeitos coletivos, criativos e autônomos.

Conclusão

Diante da experiência profissional do Serviço Social podemos concluir que a educação pode ser vista como processo de conhecimento e de aprendizagem humano relacionada a dois fatores; as vivências do cotidiano dos sujeitos e a simbolização de



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



conhecimento que se constitui na sua ampliação, através da descoberta dos padrões e da natureza do seu sentir.

Refletir sobre educação nos afasta do conceito limitado de que ela consiste na relação entre alguém que detém conhecimento com alguém que não detém num processo vertical de passagem de conhecimento e que esteja baseada numa relação conflituosa entre escola e educando. Segundo Paro (2008), educação visa o homem como sujeito social, ela é a apropriação da cultura propiciando um ser humano-histórico, um sujeito autônomo, um cidadão, orientado num processo pedagógico assimilando conhecimento, crenças, valores, condutas, informações, habilidades.

Em contraponto a discussão anterior, Freire (1979) menciona a noção de “educação bancária” que vem sendo aplicada na escola contemporânea na qual a relação entre educador e educando é algo petrificado e estático, marcado pela ‘narração’ de conteúdos da realidade. Para o autor, falar desta realidade de maneira neutra, compartimentada e alheia à experiência dos educandos tem sido a grande inquietação sobre a educação, pois o diálogo entre a escola com o indivíduo tem sido encher / depositá-lo de conteúdo mecanicistas fragmentados que não condizem com a sua realidade social. Nessa concepção de “educação bancária” o saber se resume em ‘doação’ em que o detentor do conhecimento o transmite para aqueles que julgam nada saber. Nas palavras de Paulo Freire:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção bancária de educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (FREIRE, 1979: 33).

Nessa direção de pensamento, Mészáros (2005) afirma que educar não é uma mera transferência de conhecimentos, mas sim conscientização e testemunho de vida. É construção e libertação do ser humano das cadeias do determinismo neoliberal, reconhecendo que a história é um campo aberto de possibilidades. “educar para além do capital implica pensar uma sociedade para além do capital”. Limitar uma mudança educacional radical às margens corretivas interesseiras do capital significa abandonar de uma vez com o objetivo de uma transformação social qualitativa. Mészáros (2005) afirma que a educação formal não é capaz de fornecer uma alternativa emancipadora radical, mas é capaz de produzir “consenso” dentro dos seus limites institucionalizados.



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



Devido a essas limitações é que se faz necessário 'romper com a lógica de desescolarização para contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente das instituições formais de educação que parte de uma lógica institucionalizada, na qual os indivíduos que participam das instituições formais de educação devem aceitar ativamente os princípios reprodutivos dominantes, adequando-se sua posição à ordem social vigente.

Referencial Bibliográfico

ALVES, F. **Escolhas familiares no contexto da estratificação educacional e desempenho escolar: quais as relações.** Dados, vol. 53, nº 2, 2010.

BURGOS, Marcelo Baumann; PAIVA, Ângela Randolpho (Orgs.). **A Escola e a Favela.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Ed. Pallas, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido,** Ed. Pioneira, São Paulo, 1979.

MARÉ, Redes de Desenvolvimento, **Nenhum a menos e nenhum... e muitos esforços a mais. A experiência de inclusão escolar de crianças e jovens do bairro da Maré,** Rio de Janeiro. RJ, 2008.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital.** São Paulo: Boitempo, 2005.

PARO, Vitor Henrique. **Educação como exercício do poder. Crítica ao senso comum em educação,** 1º ed. São Paulo. Cortez, 2008.

RIBEIRO, L. C. Q. & KAZTMAN, R. (orgs.) **A cidade contra a escola: segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina.** Rio de Janeiro: Letra Capital: FAPERJ; Montevideu, Uruguai: IPPES, 2008.

SOARES, Magda. **Avaliação educacional e clientela escolar.** IN: PATTO, Maria Helena S; (ORG.). Introdução à psicologia escolar. São Paulo, P.A. Queiroz, 1981.



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



80 ANOS
SERVICÓ
SOCIAL
NO BRASIL